

# É Possível uma Fé Pós-Moderna?

Egbert Ossewaarde

## I

Quando era criança, eu tinha uma fé pura. Quando ouvia as histórias da Bíblia, tinha, como todas as crianças, a sensação de que eu também (eu era Noé) iria construir a arca. Acreditava como Abraão. Com José, era jogado na cisterna e vendido para o Egito. Junto com o povo de Israel, adentrava as ondas imensas do Mar Vermelho — onde nós morávamos havia, entre dois prédios altos, uma passagem estreita, sempre com vento forte, que dava acesso à pracinha onde brincávamos —, ondas que, ao se levantarem para cair com força, estacavam hirtas e impotentes. Teria vontade de recontar todas as histórias, mas, resumindo: eu estava com Davi, com Elias, acompanhei os três jovens fornalha adentro, andava com Jesus e era testemunha de todos os seus milagres, estava sempre junto. Estava junto, porque eu era Davi, era Elias, era os três jovens. Eu próprio era Israel, povo de Deus.

## II

O leitor provavelmente reconhece a minha sensação e acha graça. De fato, tratava-se de uma fé simples, porém infantil e, como tal, condenada a desaparecer. E foi exatamente isto que aconteceu. Tinha uns 11 anos quando passei por uma experiência perturbadora, que me marcou profundamente, tanto que até hoje sinto os efeitos. Domingo após domingo, ao frequentar os cultos com meus pais, não conseguia conter as lágrimas, afetado profundamente por algo indefinível. Hoje, anos mais tarde, creio poder adivinhar a fonte daquelas lágrimas. As meditações pietistas, os hinos com sua letra opaca, porém envolvente, e sua música simples sempre pareciam perder sua estrutura na massa amorfa das pessoas que cantavam e oravam; mais o som rico e caloroso dos instrumentos de metal — tudo isso espelhava um sentimento vago, indefinido do ambiente. Será que eu chorava por querer segurar, com todo o meu ser, aquele espírito dos “gemidos inefáveis”, enquanto sentia surgir ao mesmo tempo uma forte repulsa, nutrida por um intelecto ansioso por linhas e estruturas claras? Seja como for, com vergonha das minhas lágrimas, decidi evitar tudo que fosse Igreja e achar graça da minha fé pueril.

## III

Foi no ginásio, que comecei a frequentar naquele ano, que se me ofereceram as ferramentas para poder achar graça. O clima espiritual nesse co-

légio era ainda de um humanismo cristão e do iluminismo. Tentarei, de forma caricatural talvez, mas sem pretender emitir um juízo negativo sobre tão respeitável tradição, ilustrar o espírito com que ali se ministrava o ensino religioso: “Pessoal, a passagem pelo Mar Vermelho foi o seguinte: naquele lugar onde possivelmente passou o grupo de pessoas que chamamos de povo de Israel, o mar secava de vez em quando. No final feliz daquele acontecimento extremamente perigoso Israel viu a mão de Deus atuando.”

Assim pude achar graça da minha fé pueril. Mais ainda, eu pensava saber agora que essa fé pueril nem tinha sido fé, mas algo que me carregara levemente pelos anos de minha infância, ao passo que o povo de Israel, numa fé adulta e verdadeira, sentira a mão de Deus nos acontecimentos. Uma vez admitido isto, houve uma metamorfose dentro de mim: quanto menos simples a fé de Israel, tanto maior ficava meu respeito pelo povo de Deus, e quanto maior meu respeito pelo povo de Deus, tanto maior a distância entre mim e o Israel que eu tinha sido.

Desse abismo surgiu fatalmente a pergunta: será que eu, se tivesse estado presente em eventos tão despojados, tão naturais, teria sentido a mão de Deus? Já a pergunta consolidou a minha mudança interior: não estava mais ali quando o povo de Deus foi salvo, e conseqüentemente não fui salvo junto com eles. Dali para a frente a criança que eu fora não ia mais junto com os filhos de Israel; adultos, nós nos separamos, cada qual seguindo seu caminho.

As histórias nas quais eu vivera até ali viraram definitivamente um livro, a Bíblia.

#### IV

No ginásio conheci o mundo dos antigos. A lucidez, a clareza plástica, articulada, as emoções acentuadas, a exatidão jurídica até nas questões mais elevadas de filosofia me cativaram profundamente. Não obstante, senti intuitivamente que o mundo antigo não sabia responder à principal pergunta do ser humano (qualquer que seja esta, pois a nossa incapacidade de sequer formulá-la faz parte da própria pergunta). Ainda achava que a resposta a essa pergunta estava ligada, de uma ou outra maneira, à fé que eu tivera como criança, e a decisão de estudar Teologia, tomada pouco antes de concluir o 2º grau, foi motivada pela expectativa de reencontrar a profundidade e a certeza da fé de outrora.

#### V

A teologia não correspondeu a essas expectativas. Não pretendo criticar os métodos que nos foram ensinados. Pelo contrário, os métodos eram tão perfeitos, que sua clareza meridiana mostrava em toda a sua nudez a pobreza dos resultados. Ao meu redor julguei perceber um interesse vivo pelo que se chamava de problemáticas interessantes. A mim não consegui-

ram inspirar. Culpei-me pensando que a falta de interesse provinha da minha incredulidade. Os outros, certamente, tinham fé, o que lhes dava um amor pelos pormenores mais sutis. (Tirei esta conclusão por analogia, pois até as pausas numa partitura conseguiam despertar meu interesse.) Precisava-se, portanto e antes de mais nada, de fé. Será que essa fé apareceria um dia? Decidi continuar estudando e esperar.

Mas a cada problema exegetico ou sistemático eu tinha a impressão de que a solução, uma vez encontrada, nem sequer se aproximava do grau de profundidade que tivera a pergunta. Cada pergunta parecia ser a porta para a fé — por um instante apenas, até ser respondida. Eu podia estar convicto da verdade da resposta, mas ela permanecia uma fórmula morta. Desta maneira eu admirava os dogmas trinitários e cristológicos por sua precisão e seu refinamento teológico, mas não acreditava neles. Finalmente, de frente com um monte de respostas mortas, dei-me conta do que já presentia vagamente: esse monte pode crescer infinitamente, mas nenhuma resposta, nem sequer uma teologia definitiva, completa, verdadeira, me reconduziria à fé que eu tivera em criança. Mesmo uma foto mostrando Israel caminhando tranqüilamente entre as ondas paradas tiraria, sim, qualquer dúvida, mas não despertaria minha fé, pela simples razão de que eu não aparecia naquela foto; apenas ficaria definitivamente comprovado que eu não estava junto.

## VI

Na medida em que ficava mais e mais decepcionado com a teologia, mais me convencia da verdade da palavra básica da Reforma, o *sola fide*. De fato, pensei eu, nenhum conhecimento, mas somente a fé nos leva a Deus. Fé eu não tinha; logo, concluí que o acesso à fé estava completamente vedado.

A esta altura o leitor poderá pensar: “Ora! *Sola fide* significa justamente que o acesso à fé está completamente aberto, pois, para sermos justificados, não precisamos de obra alguma, somente da fé.” Eu também tinha aprendido isso e pensei: “Vamos lá! Vamos crer, que é a coisa mais fácil do mundo! Tu só pensas que é difícil.” E por um momento realmente pensei crer. Porém logo me dei conta de que tinha enganado a mim mesmo. Não tinha crido em Deus, mas na minha própria fé. “Não”, refleti, “não penses que tu só pensavas ter crido em Deus, não duvides, mas acredita tranqüilamente que creste em Deus.” Mas imediatamente me dei conta de que tinha sido uma ilusão, que eu apenas tinha acreditado ter crido em Deus. Foi uma fé em terceira potência, que podia ser multiplicada numa fé em quarta, quinta ou infinitésima potência, mas eu sabia que desta maneira nunca chegaria à fé em Deus. Portanto, cheguei à conclusão de que com o *sola fide* a porta para a fé ficava fechada.

Então, se eu não podia alcançar a fé, o que estava fazendo na teologia?

## VII

Talvez o leitor sinta certa vertigem — eu a senti. Precisava urgentemente sair desse labirinto de pensamentos que pensam pensamentos. Tomei duas decisões: primeiro, abandonar todas as perguntas sobre fé e verdade. O expediente para realizar isso era ao mesmo tempo simples e sutil: ia me especializar em história eclesiástica e, sem precisar crer, ia me aprofundar na fé de outros. Tratava-se então de uma espécie de turismo, aliás voyeurismo teológico. Deste modo consegui ficar na teologia. Pode ter sido uma decisão perversa e covarde — eu estava consciente disto —, mas com ela fiz uma escolha feliz: entrei em contato com Agostinho. Posso dizer que foi ele que me formou teologicamente. Além disso, decidi estudar línguas clássicas, pois ficara claro que eu não prestava para a teologia e conseqüentemente devia procurar meu futuro fora dela. O contato renovado e aprofundado com o mundo pagão me impressionou agora com toda a sua força, beleza e verdade. Somente então senti ter escapado totalmente do labirinto da fé, e ascendi de um mundo opaco e falso às formas limpas e claras de Hélade. E me perdi num mundo em que todas as perguntas da fé se desbotaram.

## VIII

Depois de concluir o estudo das línguas clássicas, o entusiasmo arrefeceu. Entrementes tínhamo-nos mudado para o Brasil e demos de cara com a miséria da existência humana em toda a sua contundência, uma miséria que, quanto maior o idealismo com que era combatida, tanto mais deprimente me parecia. Não entendi como as mesmas pessoas falavam por um lado que a riqueza seria uma máscara que aliena de Deus e do próximo, enquanto por outro lado os pobres é que deveriam ser libertados. Se Deus fosse um deus de pobres, Ele libertaria os pobres para em seguida, não mais deus deles, dirigir-se aos novos-pobres, agora explorados pelos novos-ricos. A bola continua rolando, sem direção, sem sentido, pensei deprimido.

## IX

Alguma coisa, porém, me dizia que tudo que existe, já pelo simples fato de existir, devia ter algum sentido. Então qual era esse sentido, e onde encontrá-lo? Na ciência? Mas as nossas idéias a respeito da realidade são como as artérias em nosso corpo: primeiro são fortes, bem visíveis, fáceis de localizar, mas na medida em que passam a exercer a sua função vital, elas se perdem de vista. Assim as idéias expressas no texto científico se sustentam supostamente em notas de rodapé que, na verdade, são as raízes que o ligam com o desconhecido.

## X

Será que na filosofia, que é a primeira ciência e que, como tal, deve sustentar o prédio das ciências positivas — será que na filosofia se encontram sentido e verdade? Eu lia, mas qualquer discurso me parecia uma estrada com infinitas bifurcações; com cada “pois”, “mas” ou “embora” o autor dobrava numa direção que era, decerto, viável, mas cuja necessidade não ficava clara para mim, de modo que eu sempre ficava para trás, hesitante. Comecei a duvidar do sentido até das palavras mesmas e tinha a impressão de que cada pensamento que eu pensava poderia ter sido igualmente um outro pensamento ou até poderia ter ficado não-pensado. Essa sensação me assustou, enlouqueceu. Gostaria de parar esse pensar sem parar: senti-me como alguém preso na areia movediça e que, a cada tentativa de escapar, afunda mais e mais.

Enquanto isso acontecia, via ao meu redor outros caminhando sobre esse mesmo pântano, sem notar nada, como Pedro sobre o mar.

## XI

Esse pântano era o quê? Eu não sabia, mas aconteceu o seguinte. Até ali, além do inexaurível Platão, dentre os grandes pensadores tinham sido principalmente Descartes, Espinoza e Kant os que mais me tinham impressionado. Partindo de um só pensamento eles construíram um mundo inteiro. Porém foi justamente isto o que no decorrer do tempo não mais conseguia me convencer. Eles ficaram demasiadamente num mundo de pensamento. Aristóteles eu sempre tinha desprezado como sendo um pensador desorganizado, mas na medida em que perdia meu interesse pelas grandes construções sistemáticas, fiquei mais curioso para conhecer o filósofo que procurava delinear o nosso mundo real em todas as suas diversas articulações. Enquanto isso, Aristóteles não deixava de ser caótico. Inicialmente procurei ajuda em comentários modernos, mas estes deixam o caos caótico sob pretexto de não quererem “forçar as tensões presentes no pensamento de Aristóteles”. De repente tive uma boa idéia: “Por que não vais ao Aristóteles organizado que é Tomás de Aquino, uma boa oportunidade de conhecer um dos grandes teólogos, pague 1, leve 2?”

A leitura de Tomás de Aquino era difícil e cansativa, e para melhor entender essa linguagem com as suas inúmeras distinções, precisei recorrer a um desses cursos de filosofia neo-escolástica que, escritos para simples seminaristas, hoje em dia são tão desprezados. Mas foi nesse curso “simples” que descobri qual era o pântano, a areia movediça na qual eu ficara preso: meu eu era um eu moderno e, como tal, condenado a simultaneamente procurar a verdade e fugir dela, querê-la e não a querer ao mesmo tempo.

## XII

Até então eu tinha considerado a história da filosofia um desfile de grandes pensadores, uma galeria de retratos. Nesse curso de filosofia que eu estava lendo, a visão era bem outra: havia, paralela à linha dos pensadores individuais, uma outra linha, uma tradição acadêmica que, de geração em geração, transmitiu uma mesma filosofia que, já iniciando com Platão, se estende desde Aristóteles, via comentaristas gregos, Boécio, os pensadores árabes e judeus, a escola medieval, até o neo-escolasticismo do nosso século. Durante esses séculos todos, a tradição fora transmitida fielmente, e, neste processo, o legado de Aristóteles, desorganizado como era, foi gradativamente clareado, purificado, sistematizado.

O núcleo dessa filosofia escolástica é o chamado “realismo moderado”. Segundo esta doutrina, a mente humana conhece a realidade, isto é, as coisas em si, diretamente nas suas essências. Sem hesitar, sem refletir, cada um de nós sabe que um cavalo é um cavalo. Como se vê, a filosofia escolástica não consiste em outra coisa senão em explicar o que de fato é vivenciado na vida cotidiana. Neste ponto ela se opõe diametralmente à filosofia chamada “moderna”. A filosofia moderna, iniciando com Descartes, é, nas suas articulações mais profundas, uma filosofia nominalista, se, por motivos de conveniência, entendermos sob “nominalismo” uma doutrina que afirma que a mente humana não conhece diretamente as coisas nas suas essências, mas sempre pelo filtro que é seu próprio pensar ou sentir: o famoso “penso” (*cogito*) de Descartes acompanha todos os meus pensamentos, e a ordem que nós enxergamos na realidade provém não da própria realidade, mas do nosso eu que impõe as nossas idéias à realidade. Portanto, não há uma verdade objetiva e compromissiva, e o ser humano moderno tem as mãos livres tanto para realizar os projetos mais elevados como para expressar num Disneyland (quem sabe dizer se é imaginário ou real?) os seus sonhos mais íntimos, ilusórios, infantis e cruéis.

Eu tinha lido isto não sei quantas vezes, e, com a generosidade de uma pessoa liberal, eu sempre pensara: “Nominalismo ou realismo, quem terá razão?” Mas nunca tinha me dado conta de que foi na sua superfície apenas que a minha mente imaginou poder observar a verdade de todos os ângulos (como um globo que giramos levemente com o dedo); na realidade o meu eu nas suas partes mais profundas sempre e com todas as forças da vontade já tinha optado pelo nominalismo e contra o realismo. Enquanto eu pensava ser livre, já tinha me comprometido. Enquanto pensava ter sede da verdade, o meu eu comprometido tinha fugido da verdade uma e compromissiva.

Agora sabia: o eu moderno é seu próprio pântano, pois quem parte de um eu imóvel e intocável que projeta a sua realidade termina concluindo que também o projetar de um eu imóvel e intocável não é mais do que um mero projeto entre todos os projetos possíveis. De repente o eu de Des-

cartes, o eu moderno que por tanto tempo se tinha considerado imóvel, começou a vacilar e afundar nas suas próprias meditações.

Agora, sabendo que eu estava nesse pântano, ainda havia escolha? A filosofia moderna era certamente mais leve e mais divertida, mas a única coisa que eu podia fazer era deixar-me tirar do pântano por uma força maior do que o eu: a própria verdade. E, de fato, o meu eu mal precisou pensar em se entregar e já se sentiu puxado para cima.

A partir desse momento tudo mudou. Eu fora como alguém que tenta desesperadamente subir por uma escada rolante que se movimenta para baixo. Agora eu estava na escada rolante certa, e só era preciso deixar-me levar para onde ela ia. Em tudo que eu pensara e lera, tinha lido e pensado a própria condenação. Agora, porém, tudo isso se tornava uma realidade vivificante. Talvez nem tudo fosse plena verdade, mas tudo que era, tudo que era pensado, estava, no mínimo, a caminho da verdade. Inclusive Kant: se lido na ótica kantiana, ele promove sua própria aniquilação; lido de modo aristotélico, vira testemunha da verdade. Senti-me como os discípulos, lancei a rede à direita do barco e achei.

### XIII

É verdade: é a verdade, e não o eu, que acompanha todos os pensamentos! Pois podemos formar alguma proposição que não viva da verdade? Tomemos, por exemplo, as seguintes proposições:

É verdade que nós vivemos  
É verdade que não estamos dormindo  
É verdade que eu sempre minto  
É verdade que a verdade não existe

O primeiro exemplo é óbvio. O segundo nos mostra que o enunciado negativo é positivo no nível mais profundo da verdade. O terceiro exemplo mostra que até um enunciado que é contraditório em si (pois será que quando digo “eu sempre minto” estou mentindo?) deve ser acompanhado pela verdade positiva. O quarto exemplo mostra que uma filosofia, por mais cética que seja, querendo ou não, tende à realidade.

### XIV

Quem ou o que era essa verdade misteriosa? Como era possível alcançá-la? Eu poderia pensar:

Nós vivemos  
É verdade que nós vivemos  
É verdade que é verdade que nós vivemos;

mas sempre a própria verdade escapava. Saber que todos os nossos pensamentos estão acompanhados da verdade não significa que saibamos o que é a verdade. Agora, a filosofia escolástica demonstra na teologia natural

que a primeira fonte de toda verdade e de todo ser é o Deus Uno. Eu havia lido que é verdade que:

“Deus é seu próprio ser”

“Deus é a verdade”,

mas, como se nota imediatamente, também estas frases, por mais belas, profundas e verdadeiras que sejam, ficam proposições cuja verdade é sustentada e garantida pela Verdade, esse conteúdo insondável da palavra “Deus”, o Deus vivo. Não há, portanto, nenhuma frase que consiga ser a sua própria verdade, a sua própria fundamentação. Conseqüentemente, na primeira e mais alta ciência, a filosofia, o nosso intelecto natural pode ter como objeto tudo o que existe e tudo o que é verdade, inclusive a verdade e Deus, mas nunca sabe dizer o que é a Verdade, quem é Deus. Aqui a filosofia cede o lugar a uma ciência superior ainda, a teologia, cujo objeto é

“o que os olhos não viram,

os ouvidos não ouviram

e o coração do ser humano não percebeu”.

Nesse momento eu tinha aprendido que uma coisa é ler e saber o que é a verdade, outra coisa é submeter-se à, morar na e viver da verdade. Assim voltei para a teologia, que tinha negligenciado por tanto tempo.

## XV

Automaticamente me dirigi à teologia que conhecia, a teologia protestante. Fiquei decepcionado. Tentava-se construir uma teologia consistente, de acordo com as Sagradas Escrituras, mas ela ficava uma teologia natural, uma sabedoria deste mundo. Formulada em frases, por mais verdadeiras que fossem, formal e materialmente não se podia distingui-la de um sistema filosófico. Ora, de filosofia eu tinha o bastante, logo não era esta a teologia que eu estava procurando.

Até então tinha pensado que a fé católica era uma fé para pessoas e grupos atrasados. Esta impressão foi confirmada quando folhee pela primeira vez uma dogmática católica. Encontrei a mesma tranqüila clareza e consistência que caracteriza a filosofia escolástica, mas o que me apavorou foi o fato de que esses raciocínios formalmente perfeitos — um manual que li estava escrito na forma rígida do silogismo — estavam aplicados a um mundo de fé que me pareceu fantástico e ridículo. Com quantas e absurdas minúcias era explicado, por exemplo, o nascimento virginal, tudo na terminologia escolástica! Também o modo de se recorrer à Bíblia era inusitado para mim. Uma citação isolada era tratada como um núcleo, uma semente de verdade revelada, que durante séculos foi desenvolvida, crescendo sempre mais até a sua formulação madura no dogma. Esse núcleo lapídeo era em primeiro lugar objeto de fé e só em segundo lugar, objeto de elaboração teológica. Não acreditava no que lia, mas no cerne de argumentações mais adultas, inteligentes, logicamente coerentes, se expressava uma fé que, na sua simplicidade e evidência natural, me recordava a fé que eu tivera na infância.

Desde o momento em que eu perdera a fé de criança, a Bíblia se tornara uma fonte de irritação. O conteúdo tinha tudo a ver com a fé de outra, mas quando abria o livro, e principalmente os evangelhos, ficava sempre decepcionado. O grego de Jesus era como o inglês insosso que se ouve nas conferências mundiais. E, no tocante ao conteúdo, será que a sabedoria dessas palavras não podia ser encontrada em outros grandes documentos humanos? Enfim, eu preferia Horácio a Jesus. Mas agora as palavras de Jesus eram citadas como sementes, pedrinhas impenetráveis de fé pura, agora a sabedoria deste mundo, com toda a sua riqueza de conceitos, ficava girando em torno da sabedoria que confunde a sabedoria deste mundo. Resolvi procurar de novo a Bíblia.

## XVI

Certa noite estava lendo novamente os evangelhos, e alguma coisa se abriu para mim ou dentro de mim — nem sei bem. Parei com a leitura e comecei a refletir sobre o que tinha lido. Subitamente surgiu uma pergunta, grotesca talvez, mas que se impôs com muita força: “O que acabei de ler, as palavras de Jesus, os acontecimentos — era necessário tudo isso acontecer para que fosse lido por mim? Tenho em mãos um livro, então não teria sido possível que Deus jogasse umas bíblias do céu para que a Boa Nova nos fosse anunciada, sem maiores cerimônias de encarnação, morte na cruz, ressurreição?” Mal se me apresentara a pergunta, e já a resposta (ela tinha amadurecido e tinha se disfarçado como pergunta para ser despertada por mim) se impunha com igual contundência: “E o Verbo se fez carne.” Imediatamente frases lidas (mal consigo escrevê-lo de vergonha) começaram a dançar e jubilar dentro de mim, em turbilhão, meio soltas como as pedras dos muros de Jerusalém; o soberbo bastião sempre mantivera fechadas as portas para seu Inimigo, mas agora que Ele chegava, a cidade não podia senão virar a outra face e abrir seus arcos em júbilo para seu Rei. Assim a minha alma trancada não podia fazer outra coisa a não ser abrir-se para a Palavra que tinha se encarnado para viver dentro de mim, e todas as palavras tomaram vida. Agora era Jesus que falava as suas palavras, Ele estava presente e eu estava junto ouvindo a Ele. Eu estava junto quando Ele falou: “Buscai e achareis”. Existe mentira mais deslavada? Na boca da própria Verdade, apenas na boca do Encontrado, esta mentira se tornou verdade. Ele falou: “Bem-aventurados os pobres, bem-aventurados os pobres em espírito”. Esta palavra, ópio do povo, é verdade somente quando quem fala é Ele, em quem se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. E assim, sempre quando a Verdade falava, eu estava face a face com o Salvador, estava, como na minha infância, novamente junto. Chorei. Como os apóstolos em Atos, mesmo sóbrio, estava embriagado.

“Alguma coisa está errada aqui”, disse uma voz calma. Estranhei. A voz continuou: “Vamos voltar para nossa pergunta inicial. Era esta: faria

diferença para um leitor da Bíblia se o que ele lê realmente aconteceu ou não? Aí descobrirás que respondeste a pergunta com ‘sim’ e ‘não’ ao mesmo tempo, ou melhor: respondeste com a palavra ‘sim’, mas no que fazes disseste ‘não.’” Não entendi. “Olha, vou te explicar. Tu deves admitir que o evangelista falou não apenas: ‘o Verbo se fez carne’, mas também: ‘e habitou entre nós’. Agora não habita mais entre nós. Portanto, de que ficas embriagado: do Verbo que se fez carne ou da palavra lida, a proposição ‘o Verbo se fez carne’? Não foi do Verbo que se fez carne, pois este habitou entre nós, mas agora não mais habita entre nós para revestir todas as nossas mentiras com a Sua Verdade. Logo, foi a palavra ‘o Verbo se fez carne’ que te embriagou. Agora é preciso escolher: ou a palavra ‘o Verbo se fez carne’ consegue nos embriagar com essa embriaguez espiritual que os apóstolos sentiram, mas neste caso não é preciso que o conteúdo da palavra, a realidade da encarnação, tenha realmente ocorrido; ou tua embriaguez foi fingida, um caso de auto-sugestão ou... onde escondeste teu copinho?”

Completamente sóbrio agora, eu tinha que admitir que essa voz tinha razão. Ficando embriagado, o meu fazer tinha sido “não”, mas ao mesmo tempo tinha passado por minha cabeça a palavra “o Verbo se fez carne”, cujo teor me levou a dizer “sim”. Uma conseqüência terrível começou a apresentar-se: para nós que vivemos após Cristo, a palavra “o Verbo se fez carne” sempre é sua própria mentira, pois nega sempre o seu próprio conteúdo. Se a palavra lida consegue nos tocar, ela nega o seu conteúdo que diz que palavras não são suficientes para nos tocar. Se, por outro lado, o conteúdo é verdade, a palavra lida nunca vai conseguir nos tocar. Outrora essa palavra tinha tido sentido, sim, quando Jesus vivia, mas agora Ele não está mais lá, a Verdade não está mais lá para revestir suas palavras para que elas se tornem verdadeiras. O Achado virou novamente o eterno procurado e a bem-aventurança dos pobres tornou-se de novo uma idéia distante. Não pude reprimir uma idéia bem de criança: quisera ter estado junto. E, pela primeira vez, me dei conta da terrível verdade das palavras do apóstolo: “Somos os mais dignos de compaixão de todos os seres humanos”.

Agora o leitor talvez esteja a fim de me interromper e gritar: “Mas como! Lê bem. Ali Paulo está falando da ressurreição. Cristo ressurgiu!” Minha resposta será: nessa noite ficou comprovado para mim que a Bíblia não pode ser o fundamento da nossa fé. Logo, o fato de eu ler na Bíblia que Cristo ressuscitou não pode me convencer. Aliás, o próprio Paulo diz o mesmo: “Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé.” (1 Co 15.14-19.)

Nesse momento, porém, se abriu uma brecha. A voz havia dito: “O Verbo habitou entre nós, e agora não habita mais entre nós.” Todo o raciocínio seguinte dependia desta conclusão. Vamos agora supor que Cristo ainda estivesse presente neste mundo. Neste caso foi Ele que me chamou à Sua presença para que eu pudesse ouvir da Sua boca as palavras que me tinham embriagado. Neste caso minha embriaguez tinha sido espiritual. Mas como

o Verbo encarnado que nos chama para Si está presente neste mundo? Nesse instante apresentou-se uma imagem que eu tinha reprimido desde a juventude: a Igreja, o povo de Deus, nós. Somos nós, juntos, que formamos a Igreja de todos os séculos, o corpo de Cristo, no qual e pelo qual Ele, falando na unidade de Sua pessoa e com a autoridade da Sua presença, chama o mundo para Si. Que é essa Igreja? Uma resposta surgiu, mas eu a reprimi rapidamente, de tão nojenta que era. Tomei vinho e fui dormir.

## XVII

Nos dias seguintes continuei pensando sobre o que tinha acontecido. “Foi o diabo, aquela voz foi o diabo”, disse eu. Foi o diabo que domina a Igreja de Roma. Todo o mundo sabe que ele é um teólogo brilhante. “Diabo”, falei, “também eu estudei um pouco de teologia. Que achas disto (pois me lembrei de um argumento que sempre ajuda em situações de aperto, que surte sempre efeito): ‘Não foi a Igreja, mas o Espírito Santo que me deu a fé e que com essa fé me embriagou, me iluminou, fez de letras mortas espírito vivo.’” A voz não respondeu. “Acertei”, pensei. Então naquela noite eu tinha crido realmente e ainda, como observei com alívio, com a fé da Reforma, a *sola fide*. O *sola fide* tinha salvo o *sola scriptura*.

A voz ficava calada, mas aos poucos eu mesmo comecei a duvidar da conclusividade do meu raciocínio. O próprio *sola fide* começou a mostrar rachaduras. “Estranho”, pensei, “que nós acreditemos pela fé, só. Durante toda a Velha Aliança Deus sempre voltou a chamar Israel à fé e fidelidade. Chamou pela lei, pelos profetas, mas todas essas palavras não encontraram acesso nos ouvidos do povo. Portanto, Ele enviou Aquele em cujo coração estava escrita a lei, Seu Filho. Ele, o Verbo encarnado, habitou entre nós, e falou e chamou com a autoridade da Sua presença para que a fé em Deus fosse possível. Mas hoje Ele não habita mais entre nós. Conseqüentemente, nós nos tornamos de novo dependentes da nossa fé, e assim vivemos de novo na Velha Aliança, na qual, como se constatou acima, nossa fé se mostrou inviável. Aliás, não vivemos na Velha Aliança, mas com a vinda de Cristo aconteceu algo esquisito: Cristo tornou possível a fé em Deus para seus contemporâneos, iniciando assim a Nova Aliança, mas para nós hoje essa Nova Aliança só tem complicado a nossa fé. Pois crer em Deus é, talvez, difícil, mas crer que Deus foi ser humano e que só por meio dEle, do único mediador, é que conseguimos crer é, naturalmente, bem mais difícil. Por causa da morte de Jesus surgiu uma burocracia desnecessária, que impede, ou pelo menos dificulta, a fé, ao invés de promovê-la. O melhor seria, então, tomar a navalha e cortar Cristo. Assim:

CREIO EM → ~~CRISTO~~ → DEUS

Como se sabe, quando começamos a usar a navalha de Ockham, isso esclarece tanta coisa e abre horizontes tão belos, que é difícil parar. Pensei: se

a fé é um dom do Espírito Santo, sem ser necessário recorrer à ação, então Deus pode implantar em nós a fé nEle a qualquer hora. Analisando bem, não apenas a ação do Verbo, mas também todas aquelas palavras da Velha Aliança tinham sido desnecessárias. Realmente, naquela noite em que li “o Verbo se fez carne”, Deus tinha seguido um procedimento muito complicado. Eu tinha lido “o Verbo se fez carne”, e, iluminado pelo Espírito Santo, fiquei de repente convicto da realidade do conteúdo destas palavras, ou seja, que o Verbo se fez carne e que é somente através dEle que somos salvos. Burocracia demais, pensei: do Espírito Santo a palavras, à Palavra, a Deus; são intermediários demais a controlar nossa passagem, criando longas filas de gente esperando. Como uma bisnaga inflada e solta se esvazia assobiando, assim entrou em colapso o prédio da economia salvífica. Pois:

PELO ESPÍRITO SANTO CREIO — na realidade do fato de que “Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único”.

CREIO — no que leio: “Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único”.

CREIO — no que leio: “Deus amou tanto o mundo”.

CREIO — no que leio: “Deus”.

CREIO — em Deus.

Deste modo eu tinha que chegar à conclusão de que não somente o *sola scriptura* torna supérflua a realidade da encarnação (XVI), mas que o próprio *sola fide*, por sua vez, torna supérfluo o *sola scriptura*, inclusive a encarnação.

Eu devia então optar definitivamente entre:

— OU o *sola fide*

— OU o Verbo encarnado, mas daí não como palavra lida na Bíblia, mas como Verbo encarnado mesmo, que, com a autoridade de Sua presença, nos chama para Si, e isso até os dias de hoje.

Haverá, sem dúvida, pessoas que crêem em Deus somente pela fé, por uma fé concedida pelo Espírito Santo. Ora, o Espírito Santo já estava soprando em Gênesis 1. Portanto, essas pessoas não precisam de Jesus. Porém existem também pessoas que são pobres em espírito, que não conseguem acreditar que Deus é amor, mas que estão junto somente quando Jesus, com toda a Sua autoridade divina, as chama para que ouçam da Sua boca: “Bem-aventurados os pobres em espírito”. Uma destas sou eu.

## XVIII

Quem era Jesus e qual é a Igreja que nos chama? Aos poucos começou a delinear-se uma imagem. É óbvio que descrevê-la supera minhas forças, mas espero que o que se segue reflita o que senti e sinto.

Vi Jesus, mas não um Jesus que nos trouxe novas verdades, e sim alguém que é a Verdade. Isto, resumindo, por três razões:

1. Deus também poderia ter revelado aquelas verdades de outra maneira, por exemplo jogando umas bíblias do céu, ou, um pouco mais sutilmente, por meio de um profeta que nos anunciasse aquelas verdades. De modo algum seria preciso ouvi-las da boca do Filho.
2. O que Jesus disse já surgiu ou pelo menos poderia ter surgido em qualquer cabeça humana. Certas verdades, por exemplo, se lêem também em Platão, Horácio, etc., ou podem ser encontradas num livro ainda desconhecido por nós ou até num livro que venha a ser escrito amanhã.
3. Tudo que é conhecido por nosso intelecto faz parte, pelo menos a partir do momento de conhecê-lo, do que é possível objeto do intelecto humano, e com isso deixa de ser revelação em sentido estrito.

Logo, o que “o coração do ser humano não percebeu” não pode ser as frases que lemos na Bíblia, não pode ser “prestígio da palavra ou da sabedoria”, mas não é outra coisa “a não ser Jesus Cristo” (1 Co 2.1-9). Ele é a Verdade.

Jesus era a Verdade? O poeta procura uma poesia isenta de gritos falsos e de todo testemunho sobre si mesmo (“*ars est celare artem*”). Da mesma maneira a Verdade não pôde dar testemunho de Si mesma sem virar mentira. Verdade que precisa derivar sua verdade de uma frase verdadeira não é a Verdade (cf. XIV). Por isso é preservado o mistério messiânico de Jesus. Só no Evangelho de João é que lemos abertamente o que os outros evangelistas deixam escondido: “Se eu der testemunho de mim mesmo, meu testemunho não será verdadeiro.” (Jo 5.31.) Jesus deve ser reconhecido como o Senhor.

A Palavra falou o quê? Como a verdade é una, e a mentira, múltipla, Jesus, dirigindo-se a nós, fala verdades sempre novas, pois chama as ovelhas perdidas, cada uma no seu pecado e mentira; mas ele diz: Si mesmo, a Verdade una.

Quando a Palavra tinha terminado sua caminhada por Israel, ela foi avaliada, julgada por palavra humana, que é mentira. Disse Pilatos, com a Verdade na sua frente: “Que é a verdade?” Calou-se a Palavra, porque qualquer palavra “Eu sou o Senhor” viria em detrimento da Verdade, que é o Senhor. E o Verbo ficou calado até que na cruz juntou em si, e falou sem falar, o sofrimento da criação toda, que não vê sentido na sua vida e não consegue crer no seu Criador.

Cristo, a última palavra de Deus, está morto. Os pescadores voltaram a seu trabalho silencioso, até que a Palavra ressuscitou para no Seu corpo, a Sua Igreja, falar finalmente a resposta da humanidade a Deus. O que a Igreja poderia responder? “Eu creio”? Teria sido uma mentira no momento. Poderia ela expor a doutrina da criação, da Trindade ou das duas naturezas de Cristo? De onde teria a autoridade para revelar essas verdades? Não, a primeira coisa que a Igreja falou, foi quem ela era; ela disse: “Jesus é Senhor”. Com esta palavra, aparentemente uma proposição acessível ao

intelecto natural, a Igreja não articulou uma verdade sobre Jesus de Nazaré, mas, como corpo de Cristo, recebeu a graça de pôr a descoberto seu mistério messiânico e revelar quem é que diz na Sua Igreja: “Jesus é Senhor”, para que esta resposta operada pelo Cristo ressuscitado seja aceita por Deus como obra da Igreja. Como Sua noiva, ela diz que ela é Ele. Apenas de modo secundário e conseqüente é que esta primeira confissão da Igreja é uma expressão da sua fé em Jesus de Nazaré.

Com esta primeira confissão a Igreja confessa também que não são os membros que crêem e confessam “Jesus é Senhor”, mas que nós estamos junto e falamos junto quando o Espírito da Verdade fala sua palavra de fé em Deus.

Por isso não somos nós, um por um, que cremos, mas é a única fé de Cristo que flui pelos membros de Seu corpo, a única fé que alcança também aqueles membros que não conseguem crer. Portanto, sendo única, a fé é una. Sendo fé de Cristo, é uma fé infalível. E quando a Verdade infalível concede à Sua Igreja articular o seu Fundamento infalível, é formulado o primeiro dogma infalível: “Jesus é Senhor”.

Esta palavra fundamental do Fundamento sobre o fundamento da Sua Igreja — terá ela sido suficiente para atravessar os séculos? Sim e não, e sim e não pela mesma razão: sim, pois não é palavra sobre Cristo, mas é Cristo mesmo, “no qual se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2.3). Cristo é depósito da fé, e na única fé que Ele mesmo é fica escondida, depositada, a fé da Igreja, de modo que este primeiro dogma é suficiente para todos os tempos e nele está garantida a plena comunhão dos santos de todos os séculos.

Ao mesmo tempo é igualmente verdade que a palavra “Jesus é Senhor” não foi suficiente para nós. Quando o povo de Deus começou sua caminhada pela história, não tinha nem sabia nada. Tinha “apenas” este Fundamento, caminhava só com a fé e os olhos bem abertos de criança. Tinha uma promessa só: “Não fiquéis preocupados como ou com o que vos defender, nem com o que dizer: pois o Espírito Santo vos ensinará naquele momento o que deveis dizer” (Lc 12.11-12); e: “Quem vos ouve a mim ouve, e quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou.” (Lc 10.16.) Com esta promessa a Igreja começou a caminhar, e sempre que surgissem situações novas, a Igreja tinha no depósito da fé que é Cristo mesmo um tesouro a partir do qual podia formular confissões verdadeiras, não como novas revelações, mas como tesouros que mostram o que estava até então oculto na Palavra. A Igreja então fez da fé oculta de Cristo em nós (*fides qua*) a nossa confissão (*fides quae*). Assim surgiu da confissão fundamental “Jesus é Senhor” o Novo Testamento. Os primeiros cristãos acaso perderam algo por não terem conhecido os evangelhos? Não, “Jesus é Senhor” lhes foi o bastante. Os primeiros cristãos não acreditaram que Deus é triúno? Não explicitamente, mas estava escondido na confissão fundamental.

Jesus, falando Si mesmo, é ao mesmo tempo Rei e Reino, Semeador e Semente, e foi esta Semente, não as palavras que Ele falou, que caiu e morreu na terra da Sua Igreja, para viver e amadurecer. Cristo é a Verdade e o Caminho de Sua Igreja; Ele é a tradição na qual a Verdade fala com autoridade, de viva voz para viva voz.

Foi esta a imagem da Igreja e seu Fundamento que se formou em mim.

## XIX

Quanto mais se cristalizava essa imagem, tanto menos eu entendia o fundamento sobre o qual, como pensava, eu devia estar: o *sola fide*. O que significa *sola fide*, o que tinha acontecido na época da Reforma? No que se segue vou somente dizer o que a teologia, como mais alta ciência, tem a dizer a respeito, e vou deixar de lado qualquer outrô motivo envolvido, seja de natureza psicológica, seja de natureza política, econômica ou social.

No início Lutero, como muitos outros, denunciou os abusos aos quais a Igreja tinha se habituado. Logo, porém, achou necessário deixar para trás a esfera da prática eclesiástica e suas obras: a própria fé precisava ser purificada; apenas pela fé, *sola fide*, somos justificados, não pelas obras. Ao meu ver, Lutero cometeu aí um erro.

Tomemos o conhecido exemplo do livro “A liberdade cristã”, aquele da árvore e seus frutos. Ali Lutero interpreta Mt 7.18 da seguinte forma: obras que aparentemente são boas obras podem na realidade ser más obras, como a pessoa, a “árvore”, é má, pois não tem fé.

Apliquemos agora esse exemplo ao próprio Lutero. Conforme sua teologia, ele poderia ter-se perguntado: “Eu, Lutero, no meu trabalho de teólogo, enfatizo a importância do *sola fide*, mas será que a partir desta obra, deste fruto, eu ou outros podem concluir que articulo essa doutrina com fé? Ou seria possível que a doutrina do *sola fide*, aparentemente tão pura, mas vinda de árvore má, fosse mau fruto?” Acho que, conforme seu próprio *sola fide*, Lutero deveria ter respondido: “É possível, sim, que eu diga sem fé ‘*sola fide, sola fide*’, mas que não haja *sola fide*.” Por que Lutero nunca viu a sua teologia sob este aspecto? A resposta, penso eu, é que ele confundiu: 1. palavras com seu conteúdo; 2. sua fé pessoal com a única fé, que é Cristo.

*ad 1.* A teologia não é mais considerada uma das obras que Cristo, conforme o talento de cada um, opera nos membros de Seu corpo, mas é confundida com a própria fé. Quem diz: “justificação pela fé” seria por isto justificado pela fé. Logo, vê-se que a palavra *sola fide* é confundida com seu próprio conteúdo, com o fato de que somos justificados pela fé.

*ad 2.* A fé, por sua vez, é considerada uma obra nossa. É significativo que Lutero identifique não somente a árvore má com a pessoa má — nisto estava certo —, mas que também identifique a árvore boa com a pessoa que tem fé, e não com Cristo que opera suas boas obras nos seus membros.

Aqui se descobre o erro central na teologia de Lutero: a mistura de teologia com fé, de palavra e seu conteúdo, é apenas um sintoma; num nível mais profundo Lutero confundiu fé com fé na sua própria fé, fé na sua fé pessoal, certeza da fé, ou seja, fé em si próprio. Na sua opinião ele deve ter sido uma árvore boa, cujo fruto, a doutrina da justificação pela fé, devia por isto ser um bom fruto.

Como se sabe, foi a certeza da fé que causou muita estranheza ao legado papal, Caetano. Na sua conversa com Lutero, ele salientou que apenas a Igreja universal possui uma fé infalível. Nem Pedro, nem Paulo (1 Co 10.12: aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair!), nem Agostinho viveram na certeza da fé; nenhum papa falou infalivelmente numa fé pessoal que seria infalível, mas todos falaram infalivelmente apenas *ex officio*, como porta-vozes da Igreja universal.

Quando Pedro confessou: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”, Jesus respondeu: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, etc.” (Mt 16.16ss.) Desta obra, a confissão de Pedro, não podemos inferir a fé de Pedro. E de fato, não foi carne ou sangue que o revelaram: como o galo, Pedro canta na luz da presença de Jesus, mas logo à noite o trairá. Por que, então, Jesus disse: “Bem-aventurado és tu, etc.”, como se se tratasse de um prêmio? Porque essa confissão é a fé de Cristo que Ele, Verbo e Verdade, fala no Seu corpo, a Igreja universal; e a Pedro, cuja palavra operada pelo Espírito Santo foi aceita como obra e mérito por Deus, é cedido o privilégio de revelar a confissão da Igreja, com a assistência especial do Espírito Santo. E isto independentemente da sua fé pessoal, aliás apesar da sua fé pessoal.

E com razão: se o fundamento da Igreja não é a nossa confissão, uma frase, mas é o próprio Cristo, então é imprescindível para a Igreja ter um magistério vivo que, conforme as necessidades e as circunstâncias que o povo de Deus enfrenta no seu caminho pelo mundo, possa revelar a palavra na qual Cristo, o tesouro, fala a Si mesmo. Construindo então Sua Igreja sobre Si mesmo, Jesus tornou impossível qualquer interpretação pelagiana ou donatista do ofício de Pedro. Isto, no que tange a Pedro. E os outros membros do Corpo: quem pode ter certeza da sua fé? Ninguém. Somente quem está junto e confessa junto com Pedro pode ter certeza de que ele fala a fé infalível da Igreja universal, fala a fé de Cristo, fala Cristo.

Até Lutero a doutrina do *sola fide* sempre tinha sido a doutrina na qual Paulo, e com ele a Igreja, falando no Espírito, confessa o fundamento sobre o qual ela de fato está: Cristo e sua fé, que opera em nós suas obras. Jesus foi o Semeador que semeou a Si mesmo, a Semente, para Ela cair na terra fértil dos pobres que não têm de onde ter fé, mas que agora de repente podem ouvir: “A tua fé te salvou” como se a fé fosse obra deles, obra aceita por Deus. Essa única fé de Cristo deve ficar bem distinta da fé que Ele opera em nós como obra Sua. Quando se diz *sola fide*, deve-se entender em primeiro lugar a fé de Cristo. E só em segundo lugar é que,

por meio desta fé, operada por Cristo, nos tornamos conscientes da fé que Cristo opera em nós. Portanto, o *sola fide* é uma fórmula que só tem sentido dentro da Igreja; fora da Igreja funciona como nossa obra pessoal e contradiz, portanto, o seu próprio conteúdo. Em vez de a Verdade falar Si própria e conseqüentemente falar uma palavra verdadeira, o *sola fide* agora se torna palavra verdadeira a respeito da Verdade, o que é igual a falar uma mentira.

Podemos dizer, portanto, que Lutero no início falou uma das verdades mais profundas quando disse *sola fide*. Ele estava ainda na Igreja cujo Fundamento, a Verdade, garante a verdade da fórmula. Seu objetivo era ainda mudar a prática dentro da Igreja, mostrando que o fundamento no qual estamos não são as obras, mas é a fé; esta fé de Cristo é um fato imutável, independentemente de sabermos ou não deste fato. E Cristo opera na Sua igreja, entre outras obras, também a obra da nossa fé na qual reconhecemos e confessamos o fato de que nossa fé não é nossa fé, mas é uma obra operada na fé de Cristo: *sola fide*.

Ficando neste nível Lutero poderia ter sido um dos grandes reformadores da Igreja. Logo, porém, Lutero, confiando na sua própria fé, pensou que, onde se fala “justificação pela fé”, ali estaria a Igreja. Cortou os laços com Roma. Com este único ato Lutero se traiu. Mostrou que não acreditava que somos salvos pela fé de fato, mas que pretendia impor a doutrina do *sola fide* até no seu nível mais profundo, o da fé de Cristo, substituindo-a pela sua própria fé pessoal. Com isto Lutero pôs a alavanca fundo demais. Tocou no Fundamento mesmo. Assim colocou em movimento toda uma série de conseqüências, como num teatro rococó, onde todos os bastidores se movimentam por uma manobra só, e de repente nós estamos num outro mundo, o mundo moderno com a sua fé moderna:

1. O Fundamento real da Igreja se torna um fundamento imaginário: fé na sua própria fé.
2. A fé se torna aquela ilha isolada dentro do eu, sem laços com o mundo político-social.
3. Confundindo palavra com seu conteúdo, diz-se que possuir a doutrina correta sobre a fé decide se temos ou não fé de fato: a justificação pela fé se torna *articulus* (sic!) *stantis et cadentis ecclesiae*.
4. A fé de Cristo, o depósito da fé (*fides qua*) a partir do qual a Igreja pôde até então revelar novas verdades de fé (*fides quae*), se torna ela mesma um objeto de fé (*fides quae*), e com isto esse depósito se mostra esgotado.
5. Todas as verdades de fé eram verdadeiras pois foram faladas pelo Fundamento, a Verdade. Agora todas estas verdades se tornam falsas. Primeiro testemunho deste fato é o *sola fide*, que, como fé na sua própria fé, faz da fé uma obra, e assim contradiz seu próprio conteúdo e se torna mentira. Uma doutrina que no corpo de Cristo podia apenas funcionar como força antipelagiana faz com que tudo que fazemos ou cremos

fique impregnado de pelagianismo. O evangelho se tornou lei, pregar o *sola fide* se tornou uma maneira certa de agradecer a Deus.

6. A Bíblia, que até então era propriedade do povo de Deus e cuja verdade era garantida por Cristo e pelo testemunho vivo da Sua igreja, se torna letra morta. Ela se torna uma autoridade externa, como se Jesus tivesse dito: “Não vos preocupeis com o que haveis de dizer; vou mandar fazer o Novo Testamento, para que tenhais o que dizer.” Quem no futuro acreditará na palavra lida: “Cristo ressuscitou”, uma vez que não mais ouvimos estas palavras da boca do próprio Cristo? A mesma coisa se aplica aos dogmas. Quem no futuro acreditará no dogma trinitário, no dogma cristológico, agora que são verdades mortas, cortadas da sua fonte viva?
7. Nós não somos mais o que lemos: o Verbo que Deus fala na Sua história. Nenhuma hermenêutica conseguirá superar essa distância entre ler e ser, mas todas as hermenêuticas conseguem ler no texto somente o que o nosso intelecto natural sempre já sabia.
8. Em vez da Igreja universal que revela, através do magistério, o que Cristo nela crê, são agora os teólogos que, por ninguém autorizados, podendo a tradição à vontade, decidem quais destas verdades mortas devem ser cridas. Assim a fé se torna uma fé de teólogos. Teologia se confunde com fé.
9. A comunhão dos santos se torna letra morta, pois se o conteúdo da minha fé não é outra coisa senão o conteúdo da minha teologia ou da de outro teólogo, o que me liga com, por exemplo, um cristão do século X? Os cismas apenas deixam patente o que já era fato.
10. O Verbo encarnado é retransubstanciado em palavra que lemos num livro. Conseqüentemente, Cristo é confundido com o que Ele disse, e se torna professor de moral que não diz outra coisa senão o que a lei moral em nós nos diz; ele se torna teólogo, revolucionário ou assistente social. Deste modo surge inevitavelmente a pergunta de Lessing: como é que nós, pessoas emancipadas, poderemos depositar nossa fé num fato tão contingente como a vida e obra de Cristo? Conseqüentemente, Cristo desaparece mais e mais. Por certo ocorrem, paralelamente à vida das igrejas, momentos em que certos grupos estão repletos do nome de Jesus, mas esses breves movimentos devem ser considerados (e normalmente o são, pelos próprios membros) ações do Espírito Santo e, como tais, não precisam estar ligadas ao Verbo encarnado.
11. Desligando-nos da autoridade da Igreja, abandonamos a nossa própria autoridade que temos em Cristo, a nossa autoridade de sermos filhos de Deus. Somos maiores de idade, emancipados, mas perdemos todo o direito de falar, pois para quem não fala com a autoridade cristã vale automaticamente o veredito de Jesus: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar a pedra.” Podemos, sem esta autoridade, criticar o governo, sabendo que abusamos diariamente do nosso po-

- der? O pobre pode incriminar o rico, sabendo que, se fosse rico, oprimiria os pobres?
12. O *sola gratia*, o *soli Deo gloria*, até então verdades que Cristo diz para que venham a ser obras de fé, se tornaram mentiras. Com essas palavras nós renunciámos agora a toda a autoridade cristã de articular em Cristo a nossa resposta a Deus. Uma nova classe, a da burguesia, fala, confiante em si e no seu futuro: “Que tudo dependa de Deus, de modo que tenhamos as mãos livres para criar a nossa realidade política, econômica moderna.”
  13. Com a vinda de Cristo tinha chegado o tempo escatológico, pois, na Sua presença, quem diria “não” a Deus? Por isso Deus ousa colocarnos diante da opção: ou contra, ou a favor. A presença de Cristo na Sua Igreja tinha continuado o tempo escatológico, pois quem diria “não” na Sua presença? Agora, vivendo da nossa própria fé, a opção por Deus se torna tão difícil, que vivemos sonhando com um mundo feliz e confortável.
  14. A secularização não é outra coisa senão um processo no qual o ser humano emancipado, moderno, descobre a verdade de que os dogmas são verdades mortas, mentiras. É com razão que ele os elimina da sua vida como folhas mortas, nas quais só se precisa mexer que já caem.
  15. Como a fé se tornou obra e teologia, assim a teologia se torna uma teologia-obra. A teologia sempre tinha sido uma obra operada por Cristo: era a fé que temos em Cristo, que tenta compreender a si mesma com o intelecto (*fides quaerens intellectum*). Agora a teologia se torna uma obra nossa, um trabalho para procurar o Fundamento perdido (*intellectus fidem quaerens*). Nesse trabalho de marcha a ré, a teologia-obra, sempre formulando novas teologias e eliminando aos poucos as suas verdades mortas da *fides quae*, chega hoje finalmente à fé na sua própria fé.
  16. A fé na própria fé se seculariza na fé em si mesmo. Não demorou, e esse eu autônomo foi desmascarado pelo olho vivo de Marx, Nietzsche e Freud como pseudofundamento.
  17. Também a fé na própria fé se assusta. A ortodoxia tenta se convencer de que ela, sim, acredita em alguém ou algo. A palavra da Bíblia é exaltada até virar um sacramento *ex opere operato*, de eficácia irresistível. Outros fazem da fé na própria fé uma virtude. Pedro andou nas ondas com Ele na sua frente, na Fé dEle, na Fé que é Ele. Agora essa fé infantil é desprezada. Agora só mesmo o salto nas ondas é que merece ser chamado de fé. Um tal de salto para o desconhecido, imponentemente chamado de salto existencial, decisão existencial. A maioria, porém, segue na direção apontada pelos reformadores: aquele turismo ou voyeurismo de fé que, na sua forma secularizada, é chamado de historicismo. Eliminada grande parte da tradição, procuramos ver através dos olhos da Igreja primitiva, para que possamos crer não junto com Jesus,

mas em Jesus junto com ela. Alguns, não contentes com isso, procuram encontrar o próprio Jesus em seu trabalho. Assim, crer em Jesus fica dependendo cada vez mais do trabalho filológico, exegético, histórico (tipo: “Jesus diz isto e aquilo, mas, para entendê-lo bem, vocês têm que saber que na época etc., etc.”)

O fundamento no qual estou é o fundamento no qual, como num poço sem fundo, estou caindo, é o eu ainda mais profundo e mais sem fundo do que o eu de Descartes. É o eu moderno com sua fé moderna, a fé na sua própria fé, a fé em si mesmo, que inevitavelmente desemboca em incredulidade e desespero.

## XX

Seria possível, depois da fé moderna, uma fé pós-moderna? Estaria aí a saída?

O que significa a palavra “pós-modernismo”? Desde os tempos da Reforma nós confundimos palavras com seu conteúdo, e nosso século mostra de modo particular essa capacidade de acreditar na eficácia das nossas palavras. Mal tinha começado o século, e, para preencher uma lacuna que de repente se sentia, já era chamado de “século da Igreja”. Um dos seus maiores teólogos chamou sua dogmática de “Dogmática da Igreja”, e de repente já não era mais uma dogmática qualquer. Proclamamos. Dizemos “haja luz”, e há luz.

Parece-me que é desta mesma maneira que o ser humano moderno se proclama “pós-moderno”. Desde o romantismo ele tem procurado apagar seu eu, mergulhando na religião natural, na natureza, na nação, no inconsciente, mas descobriu que ficou sempre o eu que procurava ser não-eu. Agora, não sabendo mais como enfrentar os imensos problemas da sociedade moderna, decidiu simplesmente chamar-se “pós-moderno”. Mas já na palavra “pós-modernismo” se ouve o grito de alguém que deseja viver após si mesmo, mas que nem tem idéia do que vem após.

## XXI

Por isso, eu para mim vejo só uma possibilidade de fé pós-moderna. Jesus diz: “Em verdade vos digo: aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará nele.” (Mc 10.15.) Não é preciso fé. Só é preciso estar como criança junto com o Verbo quando Ele fala Si mesmo e em Si mesmo nós para que sejamos o que lemos: Abraão, Davi, a história da Igreja toda, e para descobrirmos que a nossa fé estava sempre guardada nAquele “no qual se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”, desde a fundação do mundo.

Egbert Ossewaarde  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS